

Fernando Henrique fala como candidato e critica adversários

Fábio Sanchez
de São Paulo

O presidente Fernando Henrique Cardoso já adotou discurso de candidato em plena campanha e demonstrou que não pretende tolerar ao longo deste ano eleitoral nenhum tipo de adversário. Em uma entrevista levada ao ar ontem pela rádio Musical, uma FM de São Paulo, ele jogou farpas contra praticamente todos os políticos e entidades de destaque que fazem algum tipo de crítica ao seu governo, desde os opositores mais óbvios, como o petista Luís Inácio Lula da Silva até o ex-tucano Ciro Gomes, contra quem até agora não havia feito críticas mas que, na sua opinião, "furou fila" para poder "abrir o seu espaço" político e se candidatar à sua sucessão.

O presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira — que seria um adepto do que o presidente chama de "fracassomania" — e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) também foram alvejados por Fernando Henrique. Ele foi entrevistado no início da semana pela jornalista Roseli Tardelli, do programa *Todas as faixas*.

O presidente disse que, quando ainda era ministro da Fazenda, no governo de Itamar Franco, chamou ao seu apartamento o então candidato natural do PT, Lula — que ele acreditava iria ganhar a eleição de 1994 — e o hoje presidente nacional do partido, José Dirceu, e pediu para que eles apoiassem o Plano Real. "Eles não diziam isso, mas para eles era o quanto pior, melhor. Já havia tempo para terem mudado esse ponto de vista, mas não mudaram. Continuam votando no congresso contra tudo. Nada justifica isso a não ser o ressentimento, a vontade de destruir quem está no governo", disse. Informada sobre a entrevista, a assessoria de imprensa do PT não retornou ligação da reportagem.

Sobre Ciro Gomes, Fernando Henrique disse que ele seria uma assunto sobre o qual não queria se "aprofundar". Disse que chegou a convidá-lo para o cargo de ministro da Saúde quando assumiu a presidência, em 1995, mas que agora, "buscando o caminho dele, abrindo o seu espaço, ele furou fila", numa provável referência à vontade do ex-governador de se

candidatar à presidência antes de outros nomes de maior destaque do PSDB. Ciro, que está em São Paulo para inaugurar seu comitê eleitoral na cidade, disse por sua assessoria que responderia hoje às afirmações.

Fernando Henrique disse que o presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, faria parte de um setor da sociedade que "pensa que é muito bem informado e fica alimentando um pessimismo infundado". Ele comentou declarações feitas por Ferreira, que pretende candidatar-se a deputado federal neste ano pelo PFL, de que o presidente, em vez de se empenhar em tentar aprovar a emenda da reeleição no início do seu mandato, deveria ter priorizado as reformas constitucionais, principalmente a política. "Os empresários falam mas não vieram aqui lutar pelas reformas, como a da Previdência e tudo o mais. Ficou tudo por conta do presidente, dos seus líderes e do presidente da Câmara, o Luís Eduardo Magalhães",

disse Fernando Henrique. Ele alegou, entretanto, que se não tivesse sido aprovada a reeleição "não haveria reforma alguma porque eu estaria muito fraco

politicamente". O presidente disse ainda que as queixas de empresários contra os juros altos são naturais e que os empresários "são chorões por natureza". A assessoria da presidência da Fiesp informou que Ferreira estava viajando ontem e por isso não poderia responder às críticas.

Fernando Henrique disse ainda que as críticas feitas pelo MST ao seu governo devem ser relativizadas porque o movimento apoiou a campanha a presidente de Lula em 1994 e por isso "passou a ser partidário".

Regime militar

Ao contrário do seu aliado, senador Antônio Carlos Magalhães, que no início desta semana fez elogios ao regime militar que governou o Brasil entre 1964 e 1984, Fernando Henrique disse que se lançou na política, em 1978, para "protestar contra a falta de liberdade, contra a censura, contra a arbitrariedade que havia no Brasil naquela época". ACM disse que o regime militar "fez muita coisa boa para o país e, como tal, é merecedor do respeito da população".

Para o presidente, os empresários são "chorões por natureza" e por isso não o impressiona as queixas contra os juros altos